

ÁGUAS SEGURAS – NATUREZA E IMAGINÁRIO

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é fazer uma reflexão analítica sobre a relação homem ambiente, vinculada à ampliação do horizonte visual e espiritual, tendo como objeto de estudo, a relação paisagem e turismo, em uma pequena cidade.

Inicia-se o trabalho, fazendo reflexões teórico-metodológicas sobre a evolução do turismo como uma imprescindível atividade humana que tem muita relação com a natureza, incluindo os seus vários elementos, como a água, paisagem local, fauna e a flora de uma determinada região e mesmo construções antigas, históricas ou não.

A curiosidade em conhecer alguns lugares aliada à ampliação do horizonte geográfico, sempre foi uma atividade considerada comum à maioria dos povos do mundo, pois faz parte tanto de uma necessidade de deslocamento do ponto de vista da conquista de territórios como uma curiosidade nata no homem, explorando diferentes espaços geográficos.

Na antiguidade, usar a palavra turismo tornava-se até polêmica, pois as condições de vida do ser humano eram muito diferentes das atuais. (PIRES, 2001 p.1).

Neste sentido, a história do turismo começou nas viagens realizadas pelo homem há muitos e muitos anos atrás, podendo situar-se na antiga Grécia, entre fenícios, na antiga Roma ou até mesmo antes da idade da escrita. Alguns autores relatam que o turismo iniciou-se na Grécia no século VIII a.C. com a locomoção de pessoas aos jogos olímpicos; outros acreditam ter sido os fenícios, por serem os criadores da moeda e do comércio, e, na antiga Roma, com a criação de estradas, no século II a.C. (BADARÓ, 2002, p.28).

O autor acima citado explica que, em torno de 4000 a.C., os Sumérios responsáveis pela criação da escrita cuneiforme e da roda, influenciaram o surgimento do turismo, pela idéia e utilização do dinheiro nas transações comerciais, incentivando a partir da utilização do dinheiro, como pagamento de transporte e hospedagem.

Os romanos tiveram um papel fundamental nas viagens, pois usava-se frequentemente como meio de lazer as atividades comerciais que eram realizadas pelos homens livres que representavam uma parte da sociedade. Além disso, muitas estradas foram construídas pelo Império Romano, o que possibilitava que as pessoas viajassem, entre o séc II a.C. e o séc II d.C. De Roma saíam contingentes importantes para o mar, para o campo, para as águas termais, aos templos e às festividades. A partir daí, os romanos puderam ser considerados os pioneiros a viajar por lazer, explica Badaró (2002).

Ao longo do século XIX foram realizadas várias viagens pelos europeus, em busca de cultura e recreação, e passaram a visitar a África e os Estados Unidos. Os trens eram sinônimos de rapidez e elemento importante no auxílio da atividade turística. Os navios exerciam maior fascínio entre a população. Assim, surgia a classe média, com melhores salários e maior possibilidade de gastos com entretenimento, como corridas a cavalo, etc Badaró, (2002).

O início do século XX foi marcado pela Primeira Grande Guerra, que parou o turismo no mundo todo. Embora o desenvolvimento das ciências e das idéias democráticas tivesse dado ao século XX uma posição de destaque na história do turismo, do desenvolvimento social e cultural da humanidade, as competições de ordem econômica, conduziram o mundo à Primeira Guerra Mundial, complementa Badaró.

Silva (2006) observa que:

Com a Segunda Guerra Mundial, essa situação se acalmou com o surgimento do avião como novo meio de transporte e a

criação da Associação Internacional de Transportes Aéreos (IATA), passando o direito aéreo a ser regulamentado. O transporte aéreo passa a ser a preferência dos turistas pela sua grande agilidade na chegada ao destino final. (SILVA, 2006, p.16).

Na segunda metade do século XX, a atividade turística expandiu-se pelo mundo inteiro. O número de agências de viagens aumentou, em consequência do crescimento das companhias aéreas, que, incapazes de estabelecerem suas próprias filiais, preferiram abrir o mercado a varejo.

Após esses acontecimentos, inúmeros investimentos na área do turismo começaram a acontecer em todo o mundo, podendo-se observar um crescimento e uma expansão da atividade turística como uma atividade econômica e de serviços em todas as partes do mundo. Cooper et al (2001) observam que

[...] nem seus mais ardentes apoiadores poderiam prever o quanto tem sido capaz de suportar as pressões da recessão econômica mundial, mesmo recessões que têm prejudicado seriamente muitas das principais indústrias do mundo. A indústria turística não só foi capaz de manter sua presença, mas tem crescido constantemente. (COOPER et al (2001, p. 159).

Atualmente, o turismo representa uma atividade que movimenta muitos grupos sociais através de investimentos, organizações, instituições e a comunidade local, regional, nacional e até internacional.

O estudo do turismo na análise geográfica, tem-se desenvolvido há mais de um século. A expressão “geografia do turismo”, segundo o trabalho de Rodrigues (1997), surge em 1905, “tendo em vista as incidências espaciais do turismo que, naquele momento histórico, quando a viagem ainda era elitizada já imprimiam impactos à natureza, embora relativamente pouco percebidos” (COSTA et al, 2004) Entretanto, somente a partir de 1960 que o estudo do

turismo no âmbito da geografia surge como um importante setor do conhecimento geográfico em estruturação.

Na obra *Civilização Urbana – Planejamento e Turismo*, Yazigi (2003) faz um relato histórico sociológico e urbano-econômico, com muito apoio filosófico, sobre a relação entre a civilização, cultura e ambiente vinculado ou não ao turismo. Pearce (1993), citado por Yazigi (2003), analisando as motivações turísticas das viagens longas de cidadãos americanos, fornece um detalhado quadro das causas do turismo. Entre as principais motivações (mudança de quadro; atrações culturais; busca de novas experiências; ver como vivem os outros; interesse histórico; visita a sítios religiosos e outros), podem ser subentendidos, direta ou indiretamente, como fatores proporcionados pela *outra* cultura e sua civilização. Tudo isso pode ser encontrado em todos os lugares, o que vai se tornando raro, é a capacidade de as culturas enriquecerem essas motivações.

Yazigi relata que:

Todas as grandes civilizações que deixaram testemunhos de sua cultura material são hoje objeto de turismo, até mesmo as que tiveram seus territórios transformados em países pobres. Como já foi mencionado, basta pensar no Egito e seu esplendor passado, na Índia inteira, no Peru, México, Guatemala... O que se busca nesses lugares senão traços de civilização? Mas a miséria de muitos impede uma estadia mais prolongada, porque afora museus e monumentos, as conjunturas não lograram dar continuidade às construções com um esplendor que as contemporaneizassem. (YAZIGI, 2003, p.51).

Uma das grandes motivações e atrações que os turistas buscam nos grandes centros urbanos é a infra-estrutura de lazer, distribuída em várias regiões da cidade. Na análise de Yazigi (2003), o turismo urbano vive de vários meios: hospedagem, alimentação, entretenimento, conhecimento, circulação, encontros, espetáculos [...] o museu costuma ser um depósito de tranqueiras desconexas entre si, entretanto na opinião desse autor, [...] a história e cultura do lugar e da região são importantes para o destino da população: arquivo de

documentos escritos e de imagens, registros sonoros, artefatos da expressão local, fauna e flora etc.

Hiernaux (2008) relata o seguinte:

[...] se há podido observar uma expansión sin precedentes del turismo urbano, ligado ya sea a manifestaciones culturales derivadas de la oferta de las industrias culturales (grandes exposiciones, conciertos, festivales, etc) sea a prácticas consumistas urbanas. Asimismo, un contexto de este tipo há favorecido las ofertas no convencionales de corta estancia, como los tratamientos de *spa*, el turismo de aventura, y hasta la creación de burbujas turísticas tropicales em médio del invierno europeo. (HIERNAUX, 2008, p. 3)

Na concepção de Reyes (2006), há duas características intrínsecas ao turismo que o distingue de outras atividades econômicas ou produtivas, “uma delas é o fato de o turismo ser, antes de qualquer coisa, uma prática social. A outra é o fato de ser o espaço seu principal objeto de consumo.” (REYES, 2006 p. 338).

Sendo o espaço e as suas características, tanto físicas como culturais ou típicas, a matéria prima do turismo é o espaço. Assim, “todos os lugares são potencialmente turísticos já que a atratividade turística dos lugares é uma construção cultural e histórica”, conclui Reyes. (2006).

Vários autores, no âmbito da Geografia têm se dedicado às reflexões teóricas sobre o estudo do turismo como uma geografia humana renovada (HIERNAUX, 2008).

Ao se aprofundar no estudo do turismo não só como ócio (*Leisure*), mas como lazer/turismo, como mencionou o geógrafo inglês Crouch. (CROUCH, 1999 *apud* HIERNAUX, 2008), pode-se observar uma expansão sem precedentes do turismo, principalmente o urbano, onde há uma verdadeira indústria do turismo, vinculado à cultura.

Interrogar-se sobre as práticas socioespaciais dos turistas, implica também que o geógrafo do turismo seja capaz de realizar uma imersão nos

microespaços, tendências que não tem sido muito comum entre os geógrafos, acostumados, por tradição, às escalas micro, analisa Hiernaux.

ATIVIDADE TURÍSTICA COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO

Na concepção de Hiernaux (2000), a atividade turística numa perspectiva de espaço sob o olhar da geografia, deve ser analisada através da possibilidade do turista desenvolver um sentimento de pertencimento ao lugar visitado, onde ao identificar-se com o mesmo, transforma o espaço em um verdadeiro lugar. Fácil é dizer através de enfoques equivocados, que o turismo gera somente “não lugares”, conclui (AUGE, 1993 *apud* HIERNAUX, 2008).

Para Hiernaux (2008), tais colocações provêm do fato de que a característica efêmera de tais práticas induzem a pensar que o turista não absorve o espaço pelo menos não fisicamente nem tão pouco cria uma relação de afeto e apego ao território. Porém, é evidente que muitos turistas desenvolvem o sentimento de pertencimento e apego ao lugar, não somente durante a permanência no local turístico, mas através de *souvenirs*, fotografias e lembranças positivas que não são meramente ferramentas menos eficazes para marcar o lugar de maneira simbólica, mas que também se tornam um fator decisivo ao se tomar a decisão por retorno ao local visitado.

Com os conceitos da “nova geografia” em construção, o geógrafo deve ser capaz de expressar que a relação entre turista e espaço pode gerar apego e acarretar sentimento de lugar que difere da sensação de lugar habitual, porém não menos importante para a pessoa que o experimenta, conclui Auge. (AUGE, 1993 *apud* HIERNAUX, 2008).

Com a renovação da Geografia do turismo, há uma ampliação do campo de estudo a todas as manifestações de ócio. Algumas das práticas turísticas são desenvolvidas fora do lugar de residência com pernoite, onde a distinção

formal não tem validade, representando uma grande complexidade social e espacial que convêm estudar com mais atenção e menos ambiguidade. Hiernaux (2008).

A nova linha de pesquisa denominada Geografia Humana renovada, oriunda da Geografia do ócio e vista como extensão da geografia do turismo e da recreação, proporcionando a possibilidade de novas reflexões sobre a concepção mal interpretada pelas sociedades atuais sobre o “mundo do ócio”.

PLANEJAMENTO: O TURISMO NO DESENVOLVIMENTO LOCAL E REGIONAL

As atividades turísticas no Brasil têm envolvido desde ministérios, governos locais, estaduais vinculando-se também às atividades econômicas e de serviços especializados. Para Cruz (2006) o planejamento é algo que remete sempre a futuro, já que não se pode planejar o passado ou o presente [...] planejar significa, sempre, projetar o futuro que se deseja, e para projetar o futuro é preciso olhar para o passado e identificar os erros que não se deseja voltar a cometer.

Chaffun (1997) ressalta que um dos principais desafios apresentados à sociedade na atualidade é a necessidade de conquistar melhores condições de vida para a população. Essas condições não incluem somente a renda e bens materiais mas principalmente o aprimoramento social e cultural visando a qualidade de vida. E, neste particular, o turismo, e, conseqüentemente o lazer representa a possibilidade de melhorar a condição cultural, física e espiritual do homem. Se, todos os lugares são potencialmente turísticos, já que a atratividade turística dos lugares é uma construção cultural histórica, conforme afirma Cruz (2006), torna-se fundamental o envolvimento das comunidades locais receptoras para que haja uma interação entre as diversas atividades culturais possibilitadas pelo turismo.

Os Municípios brasileiros atualmente estão procurando identificar e dotar alguns espaços atrativos do ponto de vista dos elementos da natureza que

podem ser potencializados para o desenvolvimento do turismo e do lazer, para agregar renda e trabalho. Com a atratividade estabelecida, é possível produzir vários tipos de renda não só para o Município como também para a população envolvida. O melhorando da infra-estrutura e o marketing são as primeiras atividades necessárias para atrair os turistas.

Assim, partindo do pressuposto de que a matéria-prima do turismo é o espaço, observa-se elementos que diferem a atividade econômica do turismo e demais atividades econômicas, observando-se teoricamente que “todos os lugares são potencialmente turísticos já que a atratividade turística dos lugares é uma construção cultural e histórica” Cruz (2006).

Analisando a atividade turística, é possível observar a relevância do turismo com relação à distribuição da riqueza. Cruz (2006), salienta que [...] teoricamente o turismo pode acontecer em todos os lugares do planeta, conferindo-lhe uma competência maior que qualquer outra atividade econômica, de distribuir espacialmente a riqueza. A indústria, por exemplo, é uma atividade produtiva muito mais seletiva e concentrada espacialmente que o turismo.

Com relação ao benefício econômico e social, Cruz relata que:

Distribuição espacial da riqueza não é o mesmo, entretanto, que distribuição estrutural da riqueza. Por isso, muitos lugares pobres, capturados pela atividade do turismo, viram suas economias dinamizadas e assistiram a profundas transformações em seus territórios sem que, necessariamente, suas populações se tivessem tornado automaticamente detentoras de melhores condições de vida e de renda. Ingenuidade teórica ou manipulação inescrupulosa de dados e informações, é isso, todavia, que o discurso dominante sobre o turismo quer fazer crer. (CRUZ, 2006, p. 339).

Com o aumento do fluxo turístico de forma espontânea ou não, pode-se observar um fortalecimento e dinamização da economia local e regional multiplicando os setores ligados à atividade turística, acarretando assim a melhoria na infra-estrutura e a geração de novos postos de trabalho.

Apoiada nessas questões sobre a importância do turismo para o desenvolvimento local, pretende-se abordar a relação entre o imaginário e a cidade, que poderá contribuir para mostrar a importância na potencialização de elementos naturais ou culturais para a cidade, onde com um bom planejamento local e regional é possível articular as atividades turísticas, econômicas e regionais.

Neste particular, ilustra-se a importância da relação “turismo-cidade-natureza”, apresentando um estudo de caso sobre uma Represa denominada Três Barras no Município de São Sebastião da Amoreira, no Norte do Paraná – Brasil, criada em 1970.

Apesar de sua beleza cênica e da boa qualidade da água, a represa localizada na entrada da cidade de São Sebastião da Amoreira, tem sido local de inúmeros acidentes que marcaram profundamente o imaginário dos moradores. Este fato faz com que a represa seja vista com receio pela comunidade. É possível aproximar a população dessa cidade e da região junto à Represa através da reconstrução de imagem e delineamento de algumas diretrizes para a utilização segura do local, rompendo um certo medo que há vários anos vem sendo alimentado com temor, devido a vários acidentes ocorridos. Esses acidentes estão vinculados sempre a esse lugar - Represa Três Barras -, pela falta de informações e de cuidados pelos usuários, como também uma ação do governo local na tentativa de potencializar turisticamente a Represa e seu entorno, por ser um lugar altamente atrativo principalmente do ponto de vista da natureza ainda em estado quase natural.

A água, ao longo da civilização e crescimento regional ou urbano tem sido um importante elemento natural e imprescindível para a vida e atividade do homem. E, no turismo, vários segmentos usam a água como uma atratividade turística: turismo de aventura, turismo de saúde, turismo esportivo, dentre outros, sendo a água um dos elementos fundamentais de atratividade turística para muitas localidades. Na cidade em questão, a prática de atividades de lazer e esportivas estão concentradas em dois pontos: na praça central Comendador Geremias Lunardelli, e no centro de lazer e turismo na Avenida

Belmiro Lourenço de Gouveia, centro de lazer este, que agrega uma praia artificial para servir à comunidade local e regional. Já a utilização da Represa Três Barras que está situada no entorno do Centro de Lazer e Turismo não é cogitada para a utilização e nem para o desenvolvimento de atividades de lazer, devido à barreira imaginária de medo, criada pelos moradores, que relacionam os acidentes lá ocorridos, com o perigo da utilização da água.

O sentimento de aversão e medo é permanente entre os moradores, sendo necessário um planejamento de reposicionamento da imagem da represa para que o patrimônio inestimável de beleza cênica lá existente possa ser aproveitado de forma sustentável.

É de suma importância o reposicionamento de imagem em âmbito local, para que a princípio seja trabalhado com a percepção dos próprios moradores e em um segundo momento, sejam feitas as adaptações necessárias para o acesso seguro da população à Represa Três Barras, disponibilizando aos mesmos, infra-estrutura adequada para contemplação da paisagem e atividades em seu entorno e até mesmo em contato direto com a água. A atividade desse local como ponto de lazer e turismo poderá trazer desenvolvimento local ao município e à região, potencializando as qualidades naturais da paisagem.

O imaginário exerce uma forte influência na conduta das pessoas. Castoriadis (1982) possui uma densa obra sobre a instituição social-histórica e as significações imaginárias-sociais, onde demonstra uma visão teórica do social com postura crítica, revelando a sua importância.

Analisar a cidade a partir de seus imaginários para Bandeira (2008) “supõe considerar as especificidades das categorias *cidade e urbano*, estando uma para outra, como o rural estaria para a rusticidade”. Ao propor um olhar semiótico sobre a cidade, Susana Gastal abandona os conceitos quantitativos e qualitativos, buscando aprofundar a independência e interdependência entre cidade e urbano. Em *O Imaginário da Cidade*, Sandra Jatahy Pesavento inicia

a obra apresentando a origem do imaginário da cidade. (GASTAL, 1993 *apud* BANDEIRA, 2008).

PESAVENTO (2002) coloca que:

No princípio era o barro, e não a pedra, mas lá já estava o sonho, mesmo que fosse fruto da violação ao sagrado. Assim, o Gênesis narra a edificação da primeira cidade pelo fraticida Caim, que desobedece as leis de Deus e estabelece as suas sobre a Terra, submetendo a natureza. E é ainda pela obra do homem e pelo seu sonho de chegar ao céu que do barro se edifica a torre da confusão das línguas, novo castigo de Deus à raça maldita de Caim (PESAVENTO, 2002, p.7)

Para Pesavento (2003) “o imaginário é uma educação existencial dos sentidos da percepção”, portanto, a influência que alguns fatos reais demarcam o imaginário é real e se materializa de forma visível no pensamento embora não haja a materialidade do fenômeno. A Represa Três Barras, objeto de estudo deste artigo, é um desses exemplos. Silva reforça esse pensamento, analisando o imaginário da seguinte forma: “o imaginário é sempre desvio, divergência, apropriação, reinterpretação, releitura, desconstrução, reconstrução e nova afirmação”. (SILVA, 1993 *apud* BANDEIRA, 2008).[^]

Colocadas essas questões, salienta-se a importância da relação cidade-turismo e ambiente, ao lado do papel que a comunidade local deve exercer na convivência e no cotidiano dessa atividade. Assim, o turismo nunca será exterior ao local ou à comunidade, e, nessa inter-relação entre a natureza, a cidade e a comunidade, certamente a preservação e os cuidados necessários farão parte da sustentabilidade que se busca atualmente, na relação homem-natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade turística hoje é vista como uma das formas, se não a forma, mais eficaz para o desenvolvimento de cidades de pequeno, médio e grande porte, onde, através da estruturação de um planejamento focado nos novos

conceitos como a geografia renovada, pode trazer uma nova e mais sustentável maneira de planejamento local-regional.

A Represa Três Barras localizada no Município de São Sebastião da Amoreira, norte do Paraná, representa um importante elemento no planejamento de atrativos turísticos para o Município e região, porém, com os incidentes lá ocorridos, uma barreira de aversão foi criada no imaginário dos moradores, onde todo o potencial da Represa e da infra-estrutura de lazer constituída em seu entorno, deixam de ser aproveitados, e conseqüentemente, o Município de São Sebastião da Amoreira-comunidade local, passam a não usufruir de tais potenciais, como fator de desenvolvimento econômico, geração de renda e emprego.

Sendo assim, é de fundamental importância um trabalho junto à comunidade, de reposicionamento da imagem da Três Barras, onde a Represa passa de elemento impedidor do desenvolvimento local, a um dos principais atrativos turísticos do local e da região.

BIBLIOGRAFIA

BADARÓ, R. A. Lacerda. **O direito do turismo**: história e legislação no Brasil e no exterior. 2. Ed. São Paulo: Senac, 2002.

BANDEIRA, Milena Berthier. **Cidade e turismo**: o imaginário de Nova York na revista viagem e turismo. Dissertação (mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-graduação em turismo, 2008.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**/ Cornelius Castoriadis, tradução de Guy Reynard; revisão técnica de Luiz Roberto Salinas Fortes. – Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982.

COSTA, Maria Augusta Freitas **O Turismo Enquanto Espaço De Análise Geográfica**: três perspectivas de abordagem, Ceará, Revista de Geografia da UFC, ano 03, nº06, 2004.

COOPER , Chris ET AL. **Turismo: Princípios e Práticas**. Trad. Roberto Cataldo Costa. 2. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

CROUCH, D. (editor) *Leisure/tourism geographies (practical and geographical knowledge)*, Londres: Routledge. 1999

CRUZ, Rita de C. Ariza. **América Latina: cidade, campo e turismo**/compilado por Amália Inês Geraiges de Lemos; Mónica Arroyo y Maria Laura Silveira – 1º Ed.-Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de São Paulo, 2006. 360p.

GASTAL, Susana. **Alegorias urbanas: o passado como subterfúgio**. Campinas/SP: Papyrus Editora, 2006

HIERNAUX, Daniel. *Uma Década de Cambios: La geografia humana y El Estudio Del turismo*
(X Colóquio Internacional de Geocrítica – Diez Años de Câmbios em El mundo, em La geografia y en las ciencias sociales, 1999-2008 – Barcelona, 26-30 de mayo de 2008 – Universidad de Barcelona)

HABITAT: AS PRÁTICA BEM-SUCEDIDAS EM HABITAÇÃO, MEIO AMBIENTE E GESTÃO URBANA NAS CIDADES BRASILEIRAS/ Nabil Georges Bonduki organizador. – 2º ed. São Paulo: Studio Nobel, 1997.
Vários autores. ISBN 85-85445-51-3.

PEARCE, Douglas. **Geographie Du tourisme**. Paris, Editions Nathan, 1993

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

SILVA, S. Luziana. **O turismo rural: instrumento para desenvolvimento sustentável**. [S.l.:s.n], 2006.

YÁZIGI, Eduardo. **Civilização Urbana, Planejamento E Turismo: Discípulos do amanhecer**- São Paulo: Contexto, 2003.

(trabalho realizado para a disciplina geografia, meio ambiente e desenvolvimento)